

História Global como Rizoma: possibilidades e limites de uma nova abordagem

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento


Jaime Ricardo Gouveia

Doutor em História e Civilização pelo European University Institute.
Pesquisador do Centro de História da Sociedade e da Cultura da
Universidade de Coimbra.

Coimbra – PORTUGAL

cienciavita.pt/portal/en/C71F-7E85-C953

jaim.ricardo@gmail.com

 orcid.org/0000-0002-2435-7384


Levi Silva Lemos


Doutorando em História na Universidade Federal do Amazonas
(UFAM).

Manaus, AM – BRASIL

lattes.cnpq.br/1796715598960595

leviguitar@bol.com.br

 orcid.org/0000-0002-4693-7769

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180314352022e0101>

Para citar este artigo:

GOUVEIA, Jaime Ricardo; LEMOS, Levi
Silva. História Global como Rizoma:
possibilidades e limites de uma nova
abordagem. *Tempo e Argumento*,
Florianópolis, v. 14, n. 35, e0101,
jan./abr. 2022.

Recebido: 15/11/2021

Aprovado: 16/03/2022

História Global como Rizoma: possibilidades e limites de uma nova abordagem¹

Resumo

O presente estudo visa discutir uma nova abordagem de história global: a perspectiva de rizoma. Partindo do modelo epistemológico de Gilles Deleuze e Félix Guattari, advogar-se-á um novo paradigma, explicando-se o que existe de novo e original numa história global assim perspectivada, ponderando as virtudes e os limites que essa abordagem comporta. Têm-se registado no último quarto de século, por todo o mundo, transformações muito decisivas ao nível socioeconômico, cultural e político. Essa atmosfera de mudanças, muitas das quais inegáveis avanços para o bem-estar da sociedade contemporânea, como a automação, a revolução tecnológica, e o crescimento exponencial e irreversível do mundo virtual, lançou novos reptos aos quais algumas ciências sociais e humanas ainda não conseguiram dar uma resposta cabal. Neste quadro de superfluidade, os instrumentos convencionais de pesquisa, de reflexão e de análise no âmbito da história, ou melhor, de produção de conhecimento histórico, têm vindo a ser afinados e em alguns casos substituídos. Com o seu foco na integração e na conexão, a história global emergiu desse contexto, mostrando-se uma proposta convincente para a construção de um conhecimento histórico simultaneamente abrangente e profundo, evidenciando, porém, limites que obrigam a refletir sobre como pode este modelo ainda não dominante na historiografia brasileira, do ponto de vista teórico-metodológico, ser aprimorado. É o que se propõe neste artigo.

Palavras-chave: história global; rizoma; novo paradigma.

Global history as a Rhizome: possibilities and limites of a new approach

Abstract

This study aims to discuss a new approach to global history: the rhizome perspective. Based on the epistemological model of Gilles Deleuze and Félix Guattari, a new paradigm will be advocated, explaining what is new and original in a global history thus envisaged, considering the virtues and limits that this approach entails. In the last quarter of a century, all over the world, very decisive transformations have taken place at the socioeconomic, cultural and political level. This atmosphere of change, many of which undeniable advances for the well-being of contemporary society, such as automation, the technological revolution, and the exponential and irreversible growth of the virtual world, has launched new challenges that some social and human sciences have not yet managed to give a satisfactory answer. In this context of superfluity, the conventional instruments of research, reflection and analysis in the context of history, or rather, the production of historical knowledge, have been refined and in some cases replaced. With its focus on integration and connection, global history emerged from this context, proving to be a convincing proposal for the construction of a historical knowledge that is both comprehensive and deep, showing however limits that force us to reflect on how this model, not yet dominant, can in Brazilian historiography, from a theoretical-methodological point of view, to be improved. That's what this article proposes.

Keywords: global history; rhizome; new paradigm.

¹ Este estudo foi preparado no contexto do projeto PTDC/HAR-HIS/28719/2017, intitulado *Religião, Administração e Justiça Eclesiástica no Império Português (1514-1750)* - ReligionAJE -, aprovado no âmbito do concurso para financiamento de projetos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico em todos os domínios científicos, co-financiado pelo FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do COMPETE, Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI), e por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia e H2020.

Introdução

É inegável que o mundo enfrentou inúmeras transformações de ordem socioeconômica, política e cultural a partir dos anos 90. Constituem elucidativos exemplos a queda do Muro de Berlim e a reunificação alemã; o termo da experiência socialista da URSS; o fim do *Apartheid*; a consolidação e disseminação global do capitalismo; a eclosão de duros conflitos, como os da Chechênia, da Bósnia e do Médio Oriente, não raro com repercussões mundiais, sobretudo econômicas; a massificação e democratização do acesso à tecnologia; a circulação difusa de notícias em tempo real; bem como a proliferação de redes sociais.

O conjunto de impactos e transformações que daí advieram, tem despertado o interesse em novas formas de compreender a história e, conseqüentemente, novas perspectivas de análise e produção de conhecimento histórico. Filha das condições, inquietações e expectativas do seu tempo, a história global situa-se neste quadro de emergência de novas “lentes” para olhar o passado. Com uma aplicação ainda residual que contrasta com o vigor com que tem sido discutida, sobretudo em países como o Brasil, onde mau grado a existência de alguns avanços há ainda uma galáxia de questões por tratar, a historiografia tem feito, sobretudo, eco das suas virtudes e limites, o que não tem impedido que continue envolta numa dupla aura, de espanto, pela novidade, e de resistência, pela conotação errada com a visão que impera do global no campo político-econômico. Fazer história global não constitui apologia a qualquer filosofia político-econômica, mas antes o uso de uma abordagem que procura construir conhecimento histórico, pautando-se portanto por tentativas de conhecer para compreender e explicar. É à luz dessa realidade que este artigo se propõe a discutir a seguinte questão: seria a história global na perspectiva de rizoma uma alternativa viável de análise histórica?

No fulcro deste debate, surge a questão da história global como abordagem que, não obstante ainda emergente no Brasil, está claramente em voga nos EUA e em várias academias europeias, conquistando diversos espaços de discussão, principalmente no âmbito acadêmico e científico, provocando

inúmeras reflexões e apontando variadas direções quanto ao objeto da análise histórica².

Para muitos autores, o *boom* da história global tem sido gerado pelo atual contexto mundial, a velha e, por conseguinte, atual, ideia de que a história é filha do seu tempo. No mundo anglófono, segundo Sebastian Conrad, um dos que mais tem ajudado a compreender a sua expansão, há várias décadas que esta abordagem é a que mais rapidamente tem crescido no âmbito da história como disciplina e área do saber (CONRAD, 2019, p. 11). Há, neste contexto, do ponto de vista teórico e metodológico um longo caminho transcorrido, para o qual é inegável a contribuição do historiador alemão. A tradução para a Língua Portuguesa do livro *O que é a história global*, obra de análise rigorosa e instigadora, tem recrudescido e vai continuar a recrudescer na academia brasileira o interesse na reflexão sobre a temática.

As proximidades e limites da história global com outros recursos de análise histórica, como a história nacional, comparada, transnacional, conectada, cruzada, Teoria dos Sistemas-Mundo, estudos pós-coloniais e múltiplas modernidades, são diatribes já suficientemente ensaiadas, com resultados porventura escassos, que nos impelem a sobrevoá-las. Mas não reside aí o foco deste artigo. Partindo do seu potencial de integração e de conexão, e assumindo-a como proposta convincente, mas com limites, como as demais, pretende-se refletir sobre se (e como) pode este modelo ou abordagem ser aprimorado do ponto de vista teórico-metodológico para a construção de um conhecimento

² São de referir, no entanto, sem pretensões de exaustividade, alguns estudos de apuração global ou que denotam preocupação com a temática, designadamente: HOLANDA, 1992; MARQUESE, PIMENTA, 2014, p. 30-49; ROCHA, 2015, p. 283-288; JÚNIOR, SOCHACZEWSKI, 2017, p. 483-502; SILVA, 2019, p. 473-485; MALERBA, 2019, p. 457-472. Não menos importante, e de mencionar também, é o fato de a “Red Latinoamericana de História Global”, ter organizado no Rio de Janeiro, em outubro de 2016, a *Global History Conference*, evento que visou e teve, certamente, algum impacto no despertar da academia para esta abordagem. Por fim, no âmbito da pesquisa e discussão destes assuntos, são de salientar: os intercâmbios acadêmicos entre laboratórios de universidades brasileiras, como o LabMundi, da USP, e dos EUA; o aparecimento do tema como título de simpósios ou comunicações isoladas nos eventos da ANPUH; a existência de revistas com esse escopo analítico (Revista Esboços: histórias em contextos globais, do PPGH da Universidade Federal de Santa Catarina); a organização de cadernos temáticos de revistas para congregar estudos sobre o tema (Revista Brasileira de História 34,68, 2014; Revista Estudos Históricos, 30, 60, 2017; Revista Tempo, 23, 3, 2017); e o aparecimento de disciplinas de programas de pós-graduação para o estudo da História Global, <https://www.ppgh.ufam.edu.br/matricula-em-disciplina.html>.

histórico simultaneamente abrangente e profundo que é, afinal, uma das suas bandeiras.

O que aqui se propõe é trabalhar o conceito filosófico de “Rizoma”, no sentido de perceber em que medida se presta ele à construção de uma abordagem de história global mais polida, capaz de atentar nas cadeias semióticas do passado, geralmente esvaídas em olhares orientados e direcionados para pontos ao invés de linhas. Dito de outro modo, justapondo à história global os princípios do modelo epistemológico da teoria filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari (DELEUZE, GUATTARI 1995-97), isto é, a conexão, heterogeneidade e multiplicidade, advogar-se-á um novo paradigma, explicando o que existe de novo e original numa história global assim perspectivada, ponderando as virtudes e os limites que essa abordagem comporta.

Os cubos de gelo (fora) da cuvette: da contiguidade ao contato entre as lentes “comparadas”, “transnacionais” e “globais”

Muito embora assumida não como o, mas como um dos cubos de gelo da cuvette, a história global tem sido geralmente submetida a uma operação do tipo laboratorial destinada a apurar a sua densidade, isto é, se a relação entre a massa e o volume que o seu corpo ocupa é maior ou menor do que a dos restantes cubos. Geralmente as substâncias se apresentam mais densas no estado sólido do que no estado líquido. Contudo, é exatamente o contrário do que acontece com a água. Menos denso do que a água, o gelo flutua sobre ela. O que a historiografia tem proposto, ainda que por vezes não declaradamente é que, constituído pela mesma água dos restantes cubos, o conhecimento histórico que resulta da história global pode ser, como é, menos denso do que a realidade histórica em que flutua, mas mais espesso do que os outros cubos se, em vez de contíguo, se mostrar disponível a contatos.

O potencial de abertura da História Global a “abordagens concorrentes” (CONRAD, 2019, 53-80) reside no fato de, ao ser delas contemporânea, poder aproveitar o que para as suas lentes possa ser útil nos caminhos já percorridos. Sem uma agenda assumidamente global com objetivos e inquietações indubitavelmente distintos, muitas dessas abordagens revelaram sensibilidade e

potencial para a explicação de processos e dinâmicas globais. Cada uma à sua maneira, e com ritmos e intensidades diferentes. O que não (deve) surpreende(r). Afinal, os (des)entendimentos (des)necessários que daí emergem não são inevitavelmente acidentais. Fundam-se na condição de “concorrência”, isto é, de abordagens de um mesmo sistema, de uma mesma corrente, que “con-correm” numa dimensão, por vezes paralela, que não impede, alhures, que se possam encontrar. Não são síncretes, nem tampouco antídotos umas das outras. Mas o que as une é também o que as separa. Dito de forma mais precisa, ainda que todas possam contribuir para a transcendência do nacionalismo metodológico e do eurocentrismo, a história global é a única que nasceu com essa matriz, como apelo a essa superação, assumindo um forte pendor revisionista.

O glocal e a comparação de situações globais comuns

Um dos cubos de gelo da cuvete é a história comparativa. Muito discutida e não menos utilizada desde os tempos de Marc Bloch até aos dias de hoje (BLOCH, 1928, p. 15-50; SEWELL, 1967, p. 208-218; BARROS, 2014; PAIVA, 2020, p. 224-252, PAIVA, 2021, p. 763-799), é comumente tida por método, mas nem sempre foi consensualmente aceita como tal (GOLDSCHMIDT, 1966, p. 4). Tanto o seu criador como os teóricos que depois dele se debruçaram sobre o método comparativo no sentido de aprimorá-lo, procuraram situar a sua operatividade no apuramento da validade de hipóteses explicativas; demonstração da insuficiência de algumas pseudocausas locais; aferição da especificidade de diferentes sociedades; e definição de conceitos e problemas de investigação histórica. Apesar disso, e como seria de esperar, nunca houve total unanimidade quanto à forma de levar a cabo análises comparativas. Alegam uns que as unidades de comparação devem ser retiradas e escolhidas de diferentes contextos sociais e culturais ou diferentes sistemas sociais. Argumentam outros que a extensão das unidades de comparação não deve constituir um problema, podendo compreender apenas duas regiões que exibam algum grau de diferenciação econômica e social. A essa diversidade de concepções acresce a noção de que a metodologia tem limites que devem ser ponderados (ESPAGNE, 1994, p. 112-122; BAYLY et. al., 2006, p. 1441-1464; LIJPHART, 1971, p. 682-693).

Face ao exposto, melhor se entende o aparecimento de vários recursos analíticos e metodológicos com objetivo de reavaliar criticamente a história comparativa, colocando ênfase nos múltiplos níveis de conexão, através do recurso a “lentes” interdisciplinares. São disso exemplos a *histoire croisée*; *connected, shared* ou *entangled history*; a *Beziehungsgeschichte*; e a *history of transfers* (ROKKAN, 1966, p.19-20; MORNER et al. 1982, p. 55-89; AYMARD, 1986, p. 271-278; WERNER, 2006, p. 30-50; GOULD, 2007, p. 764-786; SUBRAHMANYAM, 2005a e 2005b). Não obstante esse apreciável esforço, permanece inquestionável a utilidade da história comparativa na sua função heurística, contrastiva, analítica e distanciadora (HAUPT, 1993, p. 19-51; HAUPT, 2001, p. 2397-2403). Não apenas porque instiga a formulação de perguntas claras e impele a optar por estratégias de investigação orientadas por problemas, mas também porque ao forçar a superação de relatos descritivos, ao desenvolver a capacidade de demonstração paralela da teoria, ao fomentar o contraste de contextos, e ao despertar a atenção para análises macro-causais, contribui para o rigor analítico (SCKOCPOL, 1980, p. 174-197; SEGAL, 2001, p. 339-373; CONRAD, 2019, p. 55).

Não obstante conhecida pelos usos a que tem sido sujeita, a história comparativa tem potencialidades ainda pouco exploradas para a resolução de problemas analíticos que reclamam análises mais globais. O jogo de escalas permite-o. Tanto no exercício de comparação, como na abordagem de história global, os estudos de caso ou as microanálises podem ser úteis, uma vez que auxiliam a verificação da aplicabilidade comum dos argumentos teóricos, isto é, a combater generalizações (EISENSTADT, 1963; PAIGE, 1975; SCKOCPOL, 1980, p. 174-197). Estudar o global no local, através da articulação possível entre a história global e a micro-história, torna exequível tanto a análise dos impactos globais de fenômenos locais, como o exercício contrário, abrindo caminho à oportunidade de observar as interconexões entre comunidades e até entre civilizações verdadeiramente distantes e de qualquer canto do mundo (LEVI, 1991, p. 119-143; THER, 2003, p. 45-74; YUN CASALILLA, 2006, p. 13-35; YUN CASALILLA, 2007, p. 659-678; TRIVELLATO, 2011, p. 1-25). Mesmo que animadas, como se sabe, por diferentes motivações (COHEN, 2004, p. 57-70), as dimensões comparativa “glocal” e “cross-national” podem aparentar-se, ao mesmo tempo em que se

aproximam às perspectivas teóricas e analíticas relacionais, quando ao jeito dos estudos das transferências cruzam um conjunto lato de fontes para examinar os *links* entre as várias “formações históricas constituídas” (FREDERICKSON, 1995, p. 587-604; WERNER, 2006, p. 30-50).

Em que é que diferem, então, as lentes comparativas face às da história global? Ao permitir confinar determinados problemas de investigação a pequenas unidades de análise, a história comparativa não se presta, por princípio, a captar questões de mobilidade e intercâmbio, isto é, processos que transcendem essas fronteiras, esses limiares, essas barreiras. Muito embora haja consciência de que não é imperativo que assim seja, e que do ponto de vista teórico seja exequível uma história comparativa global, não tem sido esse o viés mais adotado. Tal como a conhecemos, a história comparativa não tem sido impermeável à tendência de comparação de dois casos dentro de uma mesma nação, ou de um caso verificado em duas nações diferentes (WEINSTEIN, 2013, p. 10; GOUVEIA 2014, p. 820-860; GOUVEIA, 2015; GOUVEIA, 2017, p. 303-322). Tem geralmente limitado o objeto a um campo de observação específico, vedando a possibilidade de ser aplicado a todos os lugares e a todos os tempos, ao que acresce muitas vezes redundar na caça às semelhanças com base em analogias forçadas e paralelismos abusivos. Razão para considerar que é suscetível a leituras menos atentas ao contexto na sua amplitude e às inter-relações moldadas por processos nacionais, regionais e locais distintos, não redutíveis aos marcadores rigidamente seleccionados pela comparação (PURDY, 2012, p. 64-65).

A história global também não pressupõe uma cobertura espaço-temporal mundial, simplesmente admite a fluidez das reverberações, predispondo-se a ver até onde vai o cariz transfronteiriço das interconexões e os respectivos efeitos nas sociedades. Seja da história do açúcar, ou de quem gravitava em torno da sua produção. Seja da história social da escravidão, ou das condições de trabalho. Seja da história religiosa das sociedades colonizadas, ou da questão complexa das religiosidades no tocante à circulação, assimilação, resistência e hibridização. Os exemplos seriam infindáveis.

No fundo, não é um tipo de abordagem que se preocupe com referentes comuns para medi-los face a um padrão, isto é, não busca, por princípio, uma

homogeneização dos casos em análise, mas também não procura uma narrativa da singularidade. Pressupondo muitas vezes que o semelhante e o particular têm pontos de partida independentes, a história comparativa não capta, como a história global, as interações, as transferências e as contaminações³. São vários os matizes de ambas, diversas as maneiras como se influenciam. Pugnam por superar as perspectivas estritamente nacionais, dispõem-se a transcender a hegemonia interpretativa ocidental. Mas os cubos de gelo de uma e de outra também se tocam. Tocam-se quando as lentes utilizadas nas macrocomparações colocam as suas unidades de análise numa situação global comum, como procurou fazer, por exemplo, Bartolomé Yun Casalilla (YUN CASALILLA, 2021). Tocam-se, quando o olhar global sente necessidade de sustentar as suas referências à permanência, à mudança ou à estagnação, em juízos comparativos. E é quando se tocam que, por ficarem mais densas, ambas se solidificam.

Do mantra da nação à história transnacional com enfoque global

Eclodida nos EUA, influenciada pelo pós-colonialismo e pelos estudos culturais, evidenciando uma valorização dos fluxos, movimentos migratórios, diásporas e outros fenômenos de mobilidade, a história transnacional disseminou-se pelo mundo, tendo rapidamente alcançado a Europa (SAUNIER, 2009, p. 1047-1055, SAUNIER, 2013; WEINSTEIN, 2013, p. 12). Imbuído de preocupações acadêmicas e científicas não abstraídas dos processos de globalização que dominam as relações entre os países, o *transnational turn* fez-se como perspectiva, ângulo, abordagem (não método) confinada à análise dos séculos XIX e XX (AKIRE, 2004, p. 211-222; BAYLY et. al., 2006, p. 1441-1464; AKIRE, 2007, p. 211-222). Só mais recentemente a ideia foi contestada, procurando-se refletir sobre se, e como, pode a história transnacional ser operativa para o estudo da história moderna (YUN CASALILLA, 2014, p. 1-7).

Com uma agenda centrada no combate às narrativas reinantes dos excecionalismos, sobretudo dos EUA, isto é, na produção de olhares capazes de

³ Bom exemplo de um estudo recente preocupado em captar as interconexões através de um olhar abrangente é PAIVA, 2019, p. 283-303.

penetrar simultaneamente em várias nações, com um pendor forte na história das transferências culturais entre países, a história transnacional acabou por ser associada à *entangled history*, à *cross-border history*, à *histoire croisée* e à história comparativa (TYRRELL, 1991, p. 1031-1055; KOCKA, 2003, p. 39-44; WERNER et al., 2004, p. 15-52; BAYLY, 2006, p. 1441-1464, HAUPT, KOCKA, 2009). Por vezes, nesse último caso, como superação da sua dificuldade e/ou incapacidade de comparar realidades interconectadas, o que não aconteceu, é preciso reconhecer, com todos estudos que compararam duas, três e até mais nações (CONNELLY, 2000).

O propósito fundamental foi o de estabelecer um campo de observação não circunscrito ao estado-nação. A historiografia foi condicionada, durante décadas, pelo convencimento de que a história das nações poderia ser explicada a partir de uma perspectiva eurocêntrica universalizante. A chave interpretativa desta cartilha nacionalista era ilusória, porque reduzia o universo de nações a um padrão explicativo, a uma origem comum. O problema é que este exercício generalizador não atentava nas especificidades que cada país evidenciava na sua gênese, ou nos seus processos históricos de formação. Induzir uma análise histórica partindo de uma perspectiva como essa, eurocêntrica e nacionalista, acabava por redundar numa colonização virtual do passado já que nem todos os países passaram por experiências de colonização europeia, casos por exemplo da Etiópia, Libéria, Nepal, China e Japão.

Não extensíveis a todas as realidades históricas e, portanto, falhas na pretensão universalizante dos seus pressupostos, essas perspetivas revelaram-se também incapazes de recuos cronológicos para explicar a história do “outro”, não no sentido de nivelá-lo à métrica europeia, como “bárbaro” ou “primitivo”, antes partindo da sua lógica intrínseca. Disruptiva no âmbito das fronteiras, impunha-se que a história transnacional fraturasse também as construções reificadas do “outro”, o que, sabemos, nem sempre aconteceu.

A história transnacional apareceu primordialmente como movimento de superação das historiografias nacionais, mas não deixou de problematizá-las como objetos transnacionais (CONRAD, 2004, p. 3-5; CONRAD et al., 2015). Não está fechada a nenhuma metodologia nem se circunscreve a qualquer problema

em particular. Valoriza as interconexões da história da humanidade pensada sem fronteiras, seguindo o objeto em exame para todos os locais para onde este o transporta. Enfatiza as redes e os processos que transcendem o espaço nacional, mas também o espaço europeu (PRADO, 2012, p. 19).

Para Lowande, visa dar conta de movimentos e espaços não percebidos pelos instrumentos heurísticos da tradicional história nacional, constituindo uma opção de análise que busca capturar elementos não alcançados por outras abordagens históricas convencionais (LOWANDE, 2018, p. 232). Elementos como a receptividade, ou melhor, a apropriação e reinterpretação do objeto estrangeiro no país receptor, sem dispensar o papel desempenhado pelos mediadores culturais e pelas redes de sociabilidade que se constroem em torno desses indivíduos. Nesta ótica, perceber quais seriam as (re)leituras ou (re)adequações que se fazem dos elementos e sujeitos diversos que fluem na mobilidade entre países (ANDREO, 2017, p. 105).

Em bom rigor, as conexões entre as sociedades foram sempre alvo de (alguma) atenção por parte dos historiadores. Em que consiste a originalidade da sua proposta? Onde reside, portanto, a sua novidade? Na ideia de oferecer uma alternativa ao domínio de uma historiografia estruturada em torno da nação; na capacidade de quebrar o princípio dominante da territorialidade; na constituição de uma nova forma de organização do conhecimento histórico atenta às diversas maneiras pelas quais um país se situava no mundo e como o mundo produzia efeitos, distintos ou não, em cada sociedade. Daí que a generalidade dos seus praticantes a vejam não como um paradigma matriosca, ou seja, uma camada adicional, entre a história local, regional e nacional, de um lado, e a história global, do outro. Vêm-na justamente como uma possibilidade de desafiar essa lógica de camadas e estabelecer conexões diretas do local ao supranacional ou transcontinental (PATEL, 2010).

No prefixo “trans” residem, pelo menos, dois sentidos: “ir além de”, e “através de”. Ao passo que o primeiro indica superação, o segundo conota a nação como referência ou ponto de partida para a compreensão do que está além, sejam as fronteiras, as conexões, as intersecções, ou as imbricações. Eis, justamente, o problema. À míngua (senão mesmo ausência) de propostas em

que a nação não é o motor ou se afigura como epicentro da análise histórica, o olhar transnacional não se descolou totalmente da categoria que pretendia superar. Embora abertos, e agora mais espessos, os buracos do crivo conceitual desse marcador, mantiveram-se os resquícios, dir-se-ia até a matriz, de um nacionalismo metodológico que continuou a casar bem com o cariz universal do eurocentrismo como base estrutural dos estudos realizados à luz dessa abordagem (CONRAD, 2019, p. 19).

Não obstante todos os esforços no sentido de precisar conceitualmente os limites estruturais da história transnacional, e do avanço notável do conhecimento proporcionado pelos estudos à luz dessa abordagem realizados, que retiraram à “nação” o domínio como o sujeito ou a categoria organizadora das narrativas da história, dominante nos últimos séculos de história, ainda perduram concepções desse tipo (WEINSTEIN, 2013, p. 13). Poder-se-á dizer, a este propósito, que o marcador “nação” foi um mantra, e talvez ainda hoje o seja, não tendo abandonado as formas predominantes de análise histórica.

Como espécie de “mesolítico” de certa “pré-história” do olhar global, a história transnacional também tem sido entendida como ponto de vista que, num exercício metodológico de *entangled history* ou *histoire croisée*, permite captar enredos políticos, religiosos, culturais, econômicos e sociais de zonas mais ou menos remotas e em várias épocas históricas (YUN CASALILLA, 2008; LINDORFER, 2009; MONTEIRO, 2009; KMEC, 2010). Poderá ser, nesse sentido, uma história transnacional de “comunidades imaginadas”, isto é, de sociedades não necessariamente associadas ao conceito moderno de estado-nação ou à ideia de cidadania (ANDERSON, 1983; YUN CASALILLA, 2014, p. 1-7). Pelo vasto alcance do olhar a que a disseminação dessas interconexões obriga, trata-se de uma história transnacional com enfoque global, abundando os exemplos de estudos realizados sob este viés (BERG, 2004, p. 85-142; BREWER, TENTMANN, 2006; NÜTZENADEL, 2008). O problema é que, como bem advoga Conrad (2019, p. 64), ela tem-se limitado a acenar ao global sem, todavia, enfrentar totalmente os desafios que ele coloca. Muitas vezes, o global aparece nesses estudos como pano de fundo onde aparecem estampadas a interação e a conexão, não como contexto onde se esmiúçam sistematicamente os problemas de causa e efeito.

A amplitude de observação que a história global proporciona permite, portanto, potenciar o anseio da história transnacional de evitar distorções excecionistas, através da não limitação da sua análise às fronteiras de uma nação. Também se presta, como esta, a testar as macro-hipóteses, considerando as inter-relações dos elementos estruturais dos sistemas totais e as micro-replicações designadas para testar proposições já validadas. Mas, a História Global não é o conjunto sobreposto das histórias nacionais. O que é então?

As conexões globais de espaços demarcados

Desde quando podemos falar de globalização? É esse um fenómeno estritamente contemporâneo ou surgiu em eras mais remotas? Será a história global uma abordagem operativa para captar as conexões globais que se estabeleceram em todas, ou só em algumas épocas históricas? Nasceu circunscrita à observação dos espaços totais, ou admite a análise de espaços demarcados?

A história global deve ser perspectivada pela sua natureza e não pelos usos a que tem sido sujeita. Se no plano da prática tem revelado uma forte apetência pela história contemporânea, no âmbito teórico já se desprende do engodo em que caiu, desde os seus primórdios, a história transnacional, de se ver como uma abordagem à contemporaneidade. Mazlish representa bem essa tendência ao ter sustentado que ao contrário da História Mundial, não se pode falar de História Global antes dos anos 50 a 70 do século XX, dependendo da data em que se considere o nascimento do mundo interdependente e integrado de hoje (MAZLISH, BUULTJENS, 1993; MAZLISH, 1998, p. 41-52). A questão é que como instrumento heurístico que possibilita ao historiador formular problemas de pesquisa, isto é, fazer perguntas e sugerir respostas, pode ser aplicada a todos os lugares e a todos os tempos.

Em todos os lugares e em todos os tempos ocorreram processos globais para o estudo dos quais a história global se torna operativa, como já mostraram diversos autores (FINDLAY, O'ROURKE 2007; PITTS, VERSLUYS 2014; YUN CASALILLA, O'BRIEN, 2012; ARAM, YUN CASALILLA, 2014; SANTOS PÉREZ, 2016; HOLMES, 2018, p. 1-44) e, nomeadamente, a *História Global de Portugal*, coletânea

de sínteses analíticas sobre vários acontecimentos, desde a Pré-História até à Época Contemporânea, com uma perspectiva descentrada da ótica nacional, atenta às formas como, no território e a partir do território que é hoje Portugal, o homem impactou e foi impactado pelo mundo (FIOLHAIS, FRANCO, PAIVA, 2021 [2020]).

Talvez não tenhamos, portanto, que relativizar a luta pelas abordagens transnacionais e globais, como enfatizava Christoph Conrad (2004, p. 3-5) quando alertava para um certo “internacionalismo imaginado”, porque nem todos os processos globais indetectáveis por outras abordagens, que têm avultado dos trabalhos saídos do prelo, denotam interpretações forçadas. A história global é efetivamente a abordagem que melhor responde à necessidade de ver de forma ampla e com rigor os fenômenos, os eventos e os processos históricos. Ao tomar a interconexão global como ponto de partida, fazendo da circulação, do intercâmbio, da relação, dos vínculos, dos entrelaçamentos, das redes e dos fluxos de coisas, pessoas, ideias e instituições, os seus principais objetos de estudo, permite reformar em níveis porventura jamais alcançados por outras abordagens, os terrenos da história nacional e do eurocentrismo, que durante muito tempo dominaram a atividade dos historiadores (CONRAD, 2019, p. 16).

Desparoquialização das histórias nacionais e provincialização do Ocidente. É também disso que se trata. Uma ruptura com as formas compartimentadas de estudar a história, portanto, de questionar interpretações normativas ou essencialistas forjadas no processo de “europeização”. É também isso que a história global pretende e promete. À sua luz vê-se mais nitidamente como o conceito de “Europa” partilha com a velha historiografia nacional a referência a uma unidade territorial delimitada e os problemas a ela associados, além de ser a que mais cabalmente clarifica a necessidade de questionar a atribuição frívola do rótulo “europeu” a fenômenos históricos, sem investigar primeiro se não são, antes, o produto de uma série de transferências e contatos com o mundo geral. Nem a Europa é a única força motora da história, nem a história da Europa se construiu endogenamente, de forma autônoma, ou sem processos de troca com o mundo não europeu (CONRAD, 2019, p. 85). Rompimento, portanto, com a relação unidirecional centro-periferia das “histórias europeias” e equalização dos

polos de análise (JÚNIOR, SOCHACZEWSKI, 2017, p. 491; SILVA, 2019, p. 477), o que até as obras mais recentes centradas na Europa admitem como necessário (FERENTE, KUNCEVIC, PATTENDEN, 2018, p. 1-8).

A história global tem tido acolhimento e impactos crescentes entre boa parte das mais reputadas academias mundiais. Iniciativas editoriais como a do *Journal of Global History*, surgida no ano de 2006, com chancela da Cambridge University Press, e mais recentemente a do *Medieval Globe*, pela ARC Humanities Press, são marcos inequívocos dessa tendência. No Brasil, há que reconhecer, não tem sido senão fraca a ressonância empírica dessa abordagem. Se, por um lado, fruto de algumas permeabilizações político-ideológicas e ativistas, a academia brasileira tem destinado uma atenção avassaladora a temas de história contemporânea, de onde sobressaem alertas contra os resquícios de determinados traços dos nacionalismos exacerbados do passado, por outro, continua a privilegiar as fronteiras individuais em detrimento de uma visão da sua história resultante das transformações provocadas por entrelaçamentos globais ou provocadoras de integrações estruturadas. A ideia de que a história global é o mesmo que história da globalização e que nela reside uma apologia da globalização no sentido moderno (político e econômico) do termo, tem sido um dos obstáculos ao desenvolvimento mais acelerado da história global nos circuitos acadêmicos brasileiros. Será mera questão de tempo a de se perceber que, embora ela não seja a “última coca-cola do deserto”, nenhuma sociedade pode ser integralmente compreendida se observada em isolamento, sendo (ou devendo ser) suscetível a abordagens globais.

Neste quadro disruptivo de novidades em que a História Global se apresenta, a escala é um traço determinante. O foco não se direciona simplesmente para transferências, interações, mobilidades e conexões, senão para as que de alguma forma estão integradas em processos de transformação a uma escala global (WASHBROOK, 2013, p. 21-31). Procura-se não apenas compará-las, mas aferir se a sua causalidade se manifesta a um nível global (ARMITAGE, SUBRAHMANYAM, 2010). Esses processos de integração estrutural que resultam das interações globais, ou seja, os impactos na sociedade dessas conexões de larga escala, ocorreram também a uma escala regional e até mesmo

local. Podem até ser captados ao nível do indivíduo. Fazer depender a direção do estudo do problema científico colocado, que é, em suma, do que aqui se trata, é o procedimento científico mais correto e adequado. Dito de outra forma, colocar a pergunta na disposição de seguir o objeto de estudo até onde ele conduzir é, em si, re-espacializar o passado, disponibilidade para transcender territorialidades demarcadas (CONRAD, 2019, p. 91, 131, 149, 166).

Se determinados processos globais têm manifestações locais, e determinados processos locais foram disseminados à escala do globo, global e local não são o azeite e a água (REVEL, 1998, p. 27-28; REVEL, 2010, p. 434-444). Um objeto concreto pode ser alvo de análise nas suas idiossincrasias espaciais e sociais e simultaneamente perspectivado no interior do respectivo contexto global que o envolve (HOPKINS, 2006; GERRITSEN, 2012, p. 213-226). À luz desta perspectiva a história global tem conhecido um franco desenvolvimento, cujos resultados vão desde biografias globais a micro-histórias numa escala global (DAVIS, 2006; ANDRADE, 2010, p. 573-591; GHOBRIAL, 2014, p. 51-93; WRIGHT, 2018; CASTELNAU-L'Éstoile, 2019; PAIVA, 2021, p. 17-52).

De acordo com alguns autores, a história global é empreendimento ainda em processo de construção, portanto, passível de ajustes e contribuições, visto que não está definida, tampouco consolidada enquanto forma de análise histórica na atualidade (JÚNIOR, SOCHACZEWSKI, 2017, p. 483-502). Mas, será possível enriquecer ainda mais essa perspectiva? Será viável afinar essa lente de olhar o passado, de modo a que seja mais cabalmente capaz de atentar nas cadeias semióticas do passado, numa visão em que a circunferência esteja em todo o lado e o centro em lado nenhum?

A história global como Rizoma

Investigar o passado é lidar com a multiplicidade. Há duas formas de organizar a multiplicidade. A da árvore e a do rizoma. A árvore é um vegetal de cuja raiz se forma um tronco lenhoso por onde despontam ramificações que só saem a certa altura do solo. Já o rizoma não assenta numa lógica binária e estrutural; é um sistema de caules subterrâneos, horizontais, de crescimento

diferenciado, polimorfo, que proliferam sem direção definida (tubérculos, ervas daninhas, grama e outros). Não apresenta eixo central, não segue a mesma lógica hierarquizante e estrutural da árvore.

A maior parte das abordagens utilizadas para a construção de conhecimento histórico procura explicar a multiplicidade admitindo um fundamento originador, uma gênese, ou unidade, que a antecede. É o modelo arbóreo, assente numa raiz que impele o crescimento unidireccional da planta. Exercício diferente pressupõe a história global, na medida em que: 1) faz depender a direção do estudo do problema científico colocado, na disposição de seguir o objeto até onde ele conduzir, cruzando espaços e temporalidades; 2) admite que as conexões se desenvolveram em sentidos diversos e provocaram diferentes impactos; 3) assume que os processos globais foram experienciados e constituídos por constelações locais ou regionais; a história global é uma construção rizomática, não um dendrograma. Eis, precisamente, o ponto em que pretendemos chamar à nossa reflexão a filosofia de Deleuze e Guattari (DELEUZE, GUATTARI, 1995-97).

O modelo epistemológico rizomático concebe as dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que aumenta as suas conexões. No rizoma não existem pontos ou posições, somente linhas. Os princípios do rizoma, segundo Deleuze e Guattari, são a conexão e a heterogeneidade, a multiplicidade e a ruptura (DELEUZE, GUATTARI, 1995-97). Cremos ser exatamente isso que estrutura a história global. Como pensamento rizomático, a história global move-se, abre-se, explode em todas as direções. Transcende explicações lineares. Rompe as concepções dicotômicas do mundo e dilacera os centrismos. Substitui a periodização tradicional pela análise de temas e fenômenos globais no tempo longo. Refuta a existência de zonas de supostas tradições puras que criaram vias de desenvolvimento únicas e específicas. Considera outras linhas de intensidade que se atravessam na sua direção. Cresce onde há espaço, floresce onde encontra possibilidades, cria um ambiente outrora desconhecido.

Dar-se-á um exemplo. Uma história global rizomática dos processos de difusão e enraizamento da(s) religião(ões), desvalorizará qualquer centro

irradiador europeu, abrindo o seu olhar às múltiplas direções dos contatos e aos impactos dos entrelaçamentos. Em todas as épocas históricas as grandes religiões desenvolveram relações de tensão e convivência em uma escala global. Ao passo que, por exemplo, nas suas mais diversas formas ou vias, o catolicismo se expandia durante o período moderno por diversas latitudes transcontinentais, outras religiões continuavam a ser globais, como o islamismo, cujos domínios compreendiam enormes extensões de território na África, Ásia e parte da Europa. No império ultramarino português, cristianismo, islamismo, judaísmo, budismo, hinduísmo, e um conjunto amplo de práticas sociais e tradições culturais sincretistas e animistas, dialogaram, conviveram e enfrentaram-se⁴. Produziram imbricações e entrelaçamentos, suscitaram assimilação e resistência. Terá sentido, por exemplo, prestar atenção à catolização de África sem atentar nos processos de africanização do catolicismo ocorridos nas mais diversas partes do mundo?

Uma história rizoma será uma análise não hierarquizada, não linear, não estrutural, composta de linhas múltiplas. Por quê? Porque de acordo com Deleuze e Guattari um rizoma não começa nem conclui, ele encontra-se sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*, em constante mutação, aperfeiçoando-se e aflorando num constante devir insurgente. Uma análise histórica assim perspectivada levará em conta sujeitos e fenômenos na sua própria realidade concreta em movimento, na sua superfluidade, na sua liquidez, nas suas múltiplas direções e variações.

De acordo com a proposta de Deleuze e Guattari, o rizoma refere-se a um mapa desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. Assim, uma análise histórica global rizomática permite compreender as múltiplas metamorfoses ocorridas ao longo dos processos históricos. O múltiplo, diverso e plural, pode não ser exceção, extraordinário, incomum, mas sim a forma própria das coisas. A multiplicidade é rizomática. A proposta permite amparar as subalternidades históricas, uma vez que um rizoma cresce abaixo do solo como um tipo específico de haste,

⁴ O conceito moderno de religião só apareceu nas primeiras décadas do século XIX, procurando enquadrar, por vezes abusivamente, práticas religiosas que não correspondem necessariamente ao significado do conceito “religião” (MASUZAWA, 2005).

subjazida nos sistemas ditos predominantes, porém presente de forma negada, invisível e à parte, neste contexto.

São, portanto, várias as possibilidades de se perceber os fenômenos a partir dessa perspectiva, em que todos os agenciamentos (individuais ou coletivos) possam ser interpretados com base nessa multiplicidade de conexões, imbricações, inter-relações. Neste sentido, uma análise histórica rizomática seria a que compreende todos os aparatos já então previstos numa abordagem global, acrescidos de uma novidade: a possibilidade de captar a multiplicidade de interrelações e conexões que existem nos agenciamentos ocorridos nos múltiplos espaços da “marginalidade” e dos grupos que aí se movem, informais e organizados. Dizendo de outra forma, a possibilidade de valorar de forma equitativa os sujeitos visíveis e os sujeitos invisíveis nos entrelaçamentos provocadores de impactos globais.

Desde a Escola dos *Annales* que a História Problema procurou dar voz às relações entre esses sujeitos, porém sempre a partir dos marcadores “nação”, “eurocentrismo” e outras formas mais convencionais. A história global também nem sempre tem conseguido enriquecer as suas análises com pessoas. Os processos de integração estruturada que a história global procura captar, isto é, os impactos reais e concretos das conexões globais nas sociedades onde elas ocorrem, não determinam geralmente as ações dos indivíduos. Significa isso que os macro contextos em que a história global se foca poderão permitir ver umas coisas, mas eclipsar outras. Que nos interstícios das reconstituições operadas pela história global está a agência dos indivíduos. Que macroprocessos coexistem com microprocessos não havendo hierarquia das forças geradas em ambos.

Um bom exemplo de um fenômeno algo controverso na historiografia, mas que jamais será compreendido na sua dimensão global a não ser através de uma lente rizomática, é a domesticação da enfermidade epidêmica, ocorrida entre os séculos XIV e XVIII. Nos anos 30 do século XVI, estima-se que o sarampo tenha aparecido no México e no Peru. Em meados da mesma centúria, uma epidemia de gripe afetou drasticamente a Europa e a América, com graves consequências demográficas, crendo-se que tenha chegado ao Japão. No Brasil, a população indígena foi dizimada por sucessivas epidemias de sarampo, tuberculose, lepra,

varíola, entre outras (CHAMBOULEYROM, et. al., 2011). Nos inícios do século XVII, os índios do território que hoje corresponde à baía de Massachussetts seriam dizimados por uma epidemia desconhecida. Às já referidas somar-se-iam as enfermidades de origem africana, como a malária e a febre amarela, rapidamente estabelecidas nas regiões tropicais (COOK, 1999). Simultaneamente, Europa e Ásia seriam afetadas por novas enfermidades cuja origem, ainda que incerta, tem provável localização na África e na América. Fica claro, portanto, que a massificação das enfermidades, ocorrida a partir da intensificação dos contatos, não aconteceu a partir de um único centro, nem se desenvolveu em uma única direção.

A inovação da história global rizomática residirá, portanto, no estudo das múltiplas interações e conexões globais entre os diferentes sujeitos, fenômenos e elementos, no tocante a percebê-los no seu lugar próprio, não na estrutura hierarquizada, binária e linear. As micro-histórias globais parecem apontar nesse sentido, mas nem sempre com a preocupação de captar os sujeitos aquém ou na periferia da estrutura, por exemplo no âmbito dos estudos sobre os impérios da Europa continental (habsburgo, russo, romano-germânico e otomano) e dos impérios europeus transcontinentais (português, espanhol, holandês, inglês e francês), pelo que há, neste ponto, ainda muito a fazer.

Não se pretende que o rizoma seja mero ornamento da história global como abordagem distinta. Pretende-se que o rizoma seja uma categoria decisiva para entender o mundo pretérito a uma escala global. Que consinta análises que se estendam para lá dos contentores de observação estanques ou territorialmente definidos, considerando que o espaço como categoria de investigação não é uma extensão bruta e objetiva, mas uma realidade construída por processos tendencialmente globais. Que seja uma forma mais efetiva de explicar a realidade das redes e as relações de intercâmbio. Que seja um instrumento mais efetivo para captar as forças impulsionadoras da história do mundo, e de crítica da ideia de um modelo único de desenvolvimento universal. Que permita tornar audível a diversidade de vozes voluntária ou involuntariamente silenciadas por outras formas de abordar o passado. No fundo,

que história global como rizoma a torne mais sofisticada e operativa. Quem sabe o que procura, entende o que encontra.

O olhar global rizomático é um exercício de história atento aos cruzamentos decussatos ou diagonais. Não é uma *histoire croisée* convencional, sensível a cruzamentos verticais e horizontais cuja representação visual encaixa na figura geométrica de uma cruz reta. A captação da lente rizomática, como maximização da forma de ver na história global, situa-se a montante e não a jusante de qualquer efeito dominó. A menos que as peças caíssem para diversos lados sem um centro propulsor. É uma história que objetiva captar as múltiplas relações entre os agentes e os mediadores, provenientes de, ou ocorridas em, sentidos não rígidos ou bidirecionais, permitindo melhor entender os processos de recepção, tradução, troca, adoção, rejeição e resistência.

Recupere-se agora a ideia do cubo de gelo a que se aludiu em subcapítulo anterior. No estado líquido, as moléculas estão mais afastadas umas das outras, mas à medida que vão congelando, aproximam-se e formam ligações de hidrogênio, adquirindo uma organização específica, mas com espaços vazios. O volume aumenta, a massa de água permanece igual e a densidade do gelo diminui, mas em todos os cubos permanecem espaços vazios. Assim também com o cubo da história global. Como rizoma, a história global poderá preencher alguns desses espaços vazios. Com que metodologia(s)?

Uma metodologia é uma operação que a razão utiliza para conhecer. Há passos comuns a todas as metodologias científicas. O método da ciência, na sua forma geral, supõe-se universal. Há depois métodos variados que são impostos pelo objeto. O método matemático consiste em fazer demonstrações matemáticas; o método científico consiste em formular hipóteses e testá-las nos fatos; o método filosófico consiste em construir concatenações lógicas articuladas; o método da fé diz-se consistir na interpretação simultânea de uma multiplicidade de indícios independentes mas coincidentes no significado. O método histórico consistirá em procurar responder a um problema de pesquisa através da análise crítica, heurística e hermenêutica de fontes que se reportam a fatos da realidade histórica. A história global utiliza esse processo para investigar as integrações estruturadas decorrentes de entrelaçamentos globais,

produzindo, sobre elas, conhecimento histórico. Contudo, não foi lançada como marca de detergente, nem é uma técnica antiga enroupada num novo traje. É uma operação racionalmente conduzida que usa lentes próprias e persegue objetivos diferentes das demais. Enquadrada pelo modelo epistemológico rizomático será, à luz do aqui exposto, uma metodologia, ao invés de uma abordagem?

Considerações finais

Embora pese o fato de ainda não ser uma corrente no Brasil, onde a construção nacional ainda ocupa um lugar prioritário na agenda pública e intelectual, a história global acabará por se impor, não apenas, mas, sobretudo, pela utilidade que as suas lentes conferem ao exercício de produção de conhecimento histórico. Somos, neste sentido, mais otimistas do que Jorge Flores foi, em reflexão crítica recente, reportando-se a Portugal (FLORES, 2021, p. 277-291). Foi com base nesse pressuposto, de uma abordagem ainda emergente e aberta, que se procurou refletir sobre ela, apontando primeiro as proximidades e os distanciamentos com outras formas de abordar o passado histórico, inquirindo depois sobre as suas principais propostas. Como adverte Olstein (2019), são várias as maneiras possíveis de pensar a história globalmente. Conhecem-se, no seu seio, diversas experimentações em disputa, tanto temáticas, como metodológicas, ou até mesmo epistemológicas. O exercício reflexivo levado a cabo neste artigo é apenas mais uma.

Lembrar-se-á o leitor da questão que norteou este artigo. Será a história global na perspectiva de rizoma uma alternativa viável de análise histórica? Com base na filosofia de Deleuze e Guattari, advogámos que sim, procurando explicar em que consiste e onde reside a sua originalidade. Reside numa epistemologia alternativa, cuja forma analítica rejeita centrismos, essencialismos e autenticidades alternativas ou nativistas, ao mesmo tempo em que, desejando ser uma forma de estudar e compreender o passado e não um véu ideológico ao serviço da globalização, demarca-se de um putativo globalcentrismo.

Ao transcender histórias isoladas e ultrapassar a estrutura bilateral das narrativas, propõe captar os impactos das conexões globais nas sociedades onde

elas ocorrem sem, no entanto, apagar a riqueza e a trama complexa do passado, ou seja, sem esquecer o papel dos indivíduos e da ação humana local no curso da história. Não é uma história vinda de baixo, mas sendo uma história vinda de todas as direções e atenta a todas as direções, permite leituras até então marginalizadas. Inclui os que ficam aquém ou na periferia da estrutura, que tanto molda a atividade humana como por ela é moldada. Não exclui os que não expressaram por palavras ou no papel a sua consciência global.

Na medida em que capta a superfluidade nas fronteiras, nas intersecções e nas imbricações, a lente rizomática é uma maximização da forma de ver na história global. Maximização, não onisciência. Independentemente das abordagens, perspectivas e metodologias utilizadas pelo historiador, a construção de conhecimento histórico será sempre uma operação de tradução do real em teorias mutáveis e refutáveis, como observou Karl Popper, em processo que Edgar Morin chamou biodegradabilidade das teorias científicas.

Referências

- AKIRE, Iriye. Transnational History. **Contemporary European History**, 13, 2, p. 211-222, 2004.
- AKIRE, Iriye. The Transnational Turn. **Diplomatic History**, 31, 3, p. 373-376, 2007.
- ANDRADE, Tonio. A Chinese Farmer, Two African Boys, and a Warlord: Toward a Global Microhistory. **Journal of World History**, 21, 4, p. 573-591, 2010.
- ANDREO, Igor Luis. América Latina e as histórias transnacionais, conectadas e cruzadas: a comparação ainda é pertinente para o campo historiográfico? **História: Debates e Tendências**, 17, 1, p. 101-110, jan./jun. 2017.
- ARAM, Bethany; YUN CASALILLA, Bartolomé. **Global Goods and the Spanish Empire, 1492-1824. Circulation, Resistance and Diversity**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- ARMITAGE, David; SUBRAHMANYAM, Sanjay (eds.). **The Age of Revolutions in Global Context, c. 1760-1840**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- AYMARD, Maurice. Histoire et Comparaison. In: **Marc Bloch aujourd'hui. Histoire Comparée et Sciences Sociales**. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1986, p. 271-278.
- BARROS, José d'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAYLY, C. A.; BECKERT, S.; CONNELLY, M.; HOFMEYR, Isabel.; KOSOL, W.; SEED, P. AHR Conversation: on transnational history. **The American Historical Review**, 5, p. 1441-1464, december 2006.

BERG, Maxine. In Pursuit of Luxury: Global History and British Consumer Goods in The Eighteenth Century. **Past and Present**, 182, p. 85-142, 2004.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. **Revue de synthèse historique**, 46, p. 15-50, 1928.

BREWER, John; TENTMANN, Frank (eds.). **Consuming Cultures, Global Perspectives. Historical Trajectories, Transnational Exchanges**. Oxford-New York: Berg Publishers, 2006.

CASTELNAU-L'ÉSTOILE, Charlotte de. **Páscoa et ses deux maris: une esclave entre Angola, Brésil et Portugal au XVIIe siècle**. Paris: Presses Universitaires de France, 2019.

CHAMBOULEYROM, Rafael; BARBOSA, Benedito Costa; BOMBARDI, Fernanda Aires; SOUSA, Claudia Rocha de. "Formidável contágio": epidemias, trabalho e recrutamento na Amazônia colonial (1660-1750). **História, Ciências, Saúde**, 18, 4, p. 987-1004, 2011.

COHEN, Deborah. Comparative History: Buyer Beware in *Comparison and History. Europe in cross-national perspective*. In: Deborah Cohen & Maura O' Connor (eds.). **Comparison and History: Europe in Cross-National Perspective**. New York: Routledge, 2004, p. 57-70.

COOK, Noble David. **Born to die: disease and New World conquest, 1492-1650**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CONNELLY, John. **Captive University: The Sovietization of East German, Czech, and Polish Higher Education, 1945-1956**. Chapel Hill, N.C.: The University of North Carolina Press, 2000.

CONRAD, Christoph. National Historiography as a transnational object. In: **Representations of the Past: the writing of National Histories in Europe, Newsletter**, 1, p. 3-5, October 2004.

CONRAD, Christoph; BERGER, Stefan. **The Past as History: National Identity and Historical Consciousness in Modern Europe**. Basingstoke: Palgrave Mcmillan, 2015.

CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?** Lisboa: Edições 70, 2019 [2016].

DAVIS, Natalie Zemon. **Trickster Travels: A Sixteenth-Century Muslim between World**. New York: Hill & Wang, 2006.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Edições 34, 5 vols., 1995-97 [1980].

EISENSTADT, S. N. **The political Systems of Empires: The rise and Fall of Historical Bureaucratic Societies**. New York: Free Press, 1963.

ESPAGNE, Michael. Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle. **Genèse**, 17, p. 112-122, 1994.

FERENTE, Serena; KUNCEVIC, Lovro; PATTENDEN, Miles. **Cultures of voting in pre-modern Europe**. London and New York: Routledge, 2018.

FINDLAY, Ronald; O'ROURKE, Kevin. **Power and Plenty: Trade, War and the World Economy in the Second Millennium**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

FIOLHAIS, Carlos; FRANCO, José Eduardo; PAIVA, José Pedro (dir.). **História Global de Portugal**. Lisboa: Temas e Debates, 2020.

FIOLHAIS, Carlos; FRANCO, José Eduardo; PAIVA, José Pedro (dir.). **The Global History of Portugal. From Pre-History to the Modern World**. Brighton/Chicago/Toronto, Reino Unido: Sussex Academic Press, 2022.

FLORES, Jorge. Um desafio crucial é o da compaginação do nacional com o global. In *A oportunidade e os limites de uma história global de Portugal: mesa redonda*. **Ler História**, 78, p. 277-291, 2021.

FREDERICKSON, George M. From Exceptionalism to Variability: Recent Developments in Cross-National Comparative History. **The Journal of American History**, 82, 2, p. 587-604, september, 1995.

GHOBRIAL, John-Paul A. The Secret Life of Elias of Babylon and the Uses of Global Microhistory. **Past & Present**, 222, p. 51-93, 2014.

GOLDSCHMIDT Walter. **Comparative functionalism: An Essay in Anthropological theory**. Berkeley: University of California Press, 1966.

GOULD, Eliga H. Entangled Histories, Entangled Worlds: The English-Speaking Atlantic as a Spanish Periphery. **The American Historical Review**, 112, 3, p. 764-786, 2007.

GOUVEIA, Jaime Ricardo. Vigilância e disciplinamento da luxúria clerical no espaço luso-americano, 1640-1750. **Análise Social**, 213, XLIX, p. 820-860, 2014.

GOUVEIA, Jaime Ricardo. **A quarta porta do inferno. A vigilância e disciplinamento da luxúria-clerical no espaço luso-americano (1640-1750)**. Lisboa: Chiado Editora, 2015.

GOUVEIA, Jaime Ricardo. Para uma nova *epistéme* do luso-tropicalismo: análise comparativa da luxúria clerical no Atlântico Português (1640-1750). **História Unisinos**, 21-3, p. 303-322, 2017.

GERRITSEN, Anne. Scales of a Local: The Place of Locality in a Globalizing World. In: NORTHROP, Douglas (ed.). **A Companion to World History**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 213-226.

HAUPT, H-G. Comparative History. In: Neil J. Smelser, Paul B. Baltes (eds.). **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**, Amsterdam, Paris, New York, Oxford, Shannon, Singapore. Tokyo: Elsevier, 2001, vol.4, p. 2397-2403.

HAUPT, H-G; CROSSICK, Geoffrey; KOCKA, Jurgen. La storia comparata. **Passato e Presente**, 28, p. 19-51, 1993.

HAUPT, H-G; KOCKA, Jurgen. **Comparative and transnational history: Central European approaches and new perspectives**. Oxford and New York: Berghahn Books, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1992 [1969].

HOLMES, Catherine; STANDEN, Naomi. Introduction: Towards a Global Middle Ages. **Past and Present**, 238, p. 1-44, 13 nov. 2018.

HOPKINS, Anthony G. (ed.). **Global History: Interactions between the Universal and the Local**. New York: Palgrave, 2006.

JÚNIOR, João Júlio G. S.; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. **Revista Tempo**, 23, 3, p. 483-502, 2017.

KMEC, Sonja. **Across the Channel: Noblewomen in Seventeenth-Century France and England: A Study of the Lives of Marie de La Tour, "Queen of the Huguenots", and Charlotte de la Trémöille, Countess of Derby**. Trier: Kilomedia, 2010.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and Theory**, 42, p. 39-44, 2003.

LEVI, Giovanni. Sobre microhistoria. In: BURKE, Peter (ed.). **Formas de hacer historia**. Madrid: Alianza Editorial, 1991, p. 119-143.

LIJPHART, Arend. Comparative politics and the comparative method. **The American Political Science Review**, 65, 3, p. 682-693, 1971.

LINDORFER, Bianca. **Cosmopolitan Aristocracy and the Diffusion of Baroque Culture: Cultural Transfer from Spain to Austria**. Florence: European University Institute (PhD), 2009.

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo. A história transnacional e a superação da metanarrativa da modernização. **Revista de Teoria da História**, 20, 2, p. 219–245, 2018.

MARQUESE, Rafael; PIMENTA, João Paulo. Tradições de história global na América Latina e no Caribe. **História da Historiografia**, 8, 17, p. 30-49, 2015.

MASUZAWA, Tomoko. **The invention of World Religions: Or How European Universalism was Preserved in the Language of Pluralism**. Chicago: Chicago University Press, 2005.

MAZLISH, Bruce. Crossing Boundaries: Ecumenical, World and Global History. In: Ph. Pomper; R. H. Elphick; R. T. Vann (eds.). **World History. Ideologies, Structures, and Identities** Oxford: Blacwell, 1998, p. 41-52.

MAZLISH, Bruce; BUULTJENS, Ralph. **Conceptualizing Global History**. Boulder: Westview Press, 1993.

MALERBA, Jurandir. História da historiografia e perspectiva global: um diálogo possível? **Esboços**, Florianópolis, 26, 43, p. 457-472, 2019.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. A Circulação das Elites no Império dos Bragança (1640-1808). Algumas Notas. **Tempo**, 27, p. 65-81, 2009.

MORNER, Magnus; FAWAZ DE VINUELA, Julia; FRENCH, John D. Comparative Approaches to Latin American History. **Latin American Research Review**, 17, 3, p. 55-89, 1982.

NÜTZENADEL, Alexander; TENTMANN, Frank (eds.). **Food and Globalization. Consumption, Markets and Politics in the Modern World**. Oxford and New York: Berg Publishers, 2008.

OLSTEIN, Diego. **Thinking history globally**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

PAIGE, Jeffrey M. **Agrarian Revolution: Social Movements and Export Agriculture in the Underdeveloped World**. New York: Free Press, 1975.

PAIVA, José Pedro. “Trabalho mais para que não se pervertam os brancos do que para a conversão dos negros”. Pedro Fernandes, bispo de Salvador da Bahia (1551-1556), entre Paris, Lisboa, Goa, Cabo Verde e o Brasil. **Varia Historia**, 37-73, p. 17-52, 2021.

PAIVA, José Pedro. The Impact of Luther and the Reformation in the Portuguese Seaborn Empire: Asia and Brazil, 1520-1580. **The Journal of Ecclesiastical History**, 70, 2, p. 283-303, 2019.

PAIVA, José Pedro. Pastoral Visitations in the First World Empires (Spain and Portugal in the 16th and 17th centuries): A Comparative Approach. **Journal of Early Modern History**. 24, 3, p. 224-252, 2020.

PAIVA, José Pedro. Provisión de clérigos en las diócesis del imperio portugués y patronato real (1514-1777). Una visión sinóptica y comparativa. **Cuadernos de Historia Moderna**, 46, 2, p. 763-799, 2021.

PATEL, Klaus Kiran. Transnational History. In: **European History Online (EGO)**. Mainz: Institute of European History (IEG), 2010-12-03.

PITTS, Martin; VERSLUYS, Miguel John (eds). **Globalization and Roman History: World History, Connectivity, and Material Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

PURDY, Sean. A história comparada e o desafio da transnacionalidade. **Revista de História Comparada**, 6, 1, p. 64-84, 2012.

PRADO, Maria Lígia Coelho. América Latina: Historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. **Anuario de la Escuela de Historia**, 24, p. 9-22, 2012.

REVEL Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL Jacques (eds.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 15-39.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, 15, 45, p. 434-444, 2010.

ROCHA, Alexandre Moreli. O global como nova era da história. **História e Historiografia**, 18, p. 283-288, 2015.

ROKKAN, Stein. Comparative Cross-National Research: The context of current efforts. In: MERRITT, Richard L.; ROKKAN, Stein (eds.). **Comparing Nations: the use of quantitative data in cross-national research**. New Haven, London: Yale University Press, 1966, p. 19-20.

SANTOS PÉREZ, José Manuel Santos. História Global, História Mundial. Alguns aspectos da Formação Histórica de um Mundo Globalizado. In: José Manuel Santos Pérez, **Histórias Conectadas, Ensaios sobre História Global, Comparada e Colonial na Idade Moderna (Brasil, Ásia e América Hispânica)**. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2016.

SAUNIER, Pierre-Yves. Transnational. In: A. Iriye; P.-Y. Saunier (Orgs.). **The Palgrave Dictionary of Transnational History: from the mid-19th century to the present day**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 1047-1055.

SAUNIER, Pierre-Yves. **Transnational History**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

SEGAL, Robert A. In Defense of the Comparative Method. **Numen**, 48, 3, p. 339-373, 2001.

SEWELL, Jr. William H. Marc Bloch and the Logic of Comparative History. **History and Theory**, 6, 2, p. 208–218, 1967.

SCKOCPOL, Theda; SOMERS, Margaret. The uses of Comparative History in Macrosocial Inquiry. **Comparative Studies in Society and History**, 22, 2, p.174-197, apr. 1980.

SILVA, Uiran Gebara da. Outra história global é possível? Desocidentalizando a história da historiografia e a história antiga. **Esboços**, 26, 43, p. 473-485, 2019.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Explorations in connected history: from the Tagus to the Ganges**. New Delhi and Oxford: Oxford University Press, 2005a.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Explorations in connected history: Mughals and Franks**. New Delhi and Oxford: Oxford University Press, 2005b.

THER, Philipp. Beyond the Nation: the Relational Basis of Comparative History of Germany and Europe. **Central European History**, 36, 1, p. 45-73, 2003.

TYRRELL, Ian. American exceptionalism in an age of international history. **American Historical Review**, 96, 4, p. 1031-1055, 1991.

TRIVELLATO, Francesca. Is There a Future for Italian Microhistory in the Age of Global History? **California Italian Studies**, 2, 1, p. 1-25, 2011.

YUN CASALILLA, Bartolomé. Estados, naciones y regiones en perspectiva europea: propuestas para una historia comparada y transnacional. **Alcores: revista de historia contemporánea**, 2, p. 13-35, 2006.

YUN CASALILLA, Bartolomé. Localism, global history and transnational history. A reflection from the historian of early modern Europe. **Historisk Tidskrift**, 127, 4, p. 659-678, 2007.

YUN CASALILLA, Bartolomé. **Las redes del imperio Imperio. Elites sociales en la articulación del imperio español, 1492-1714**. Madrid: Marcial Pons, 2008.

YUN CASALILLA, Bartolomé; O'BRIEN, Patrick K. **The Rise of Fiscal States. A Global History, 1500-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

YUN CASALILLA, Bartolomé. Transnational history. What lies behind the label? Some reflections from the Early Modernist's point of view. **Culture & History Digital Journal**, 3, 2, p. 1-7, 2014.

YUN CASALILLA, Bartolomé. **Os impérios ibéricos e a globalização da Europa (séculos XV a XVII)**. Lisboa: Temas de Debates, 2021.

WASHBROOK, David. Problems in Global History. In: Maxine Berg (ed.). **Writing the History of the Global: Challenges for the 21st Century**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 21-31.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, 14, p. 10-31, 2013.

WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Penser l'histoire croisée : entre empirie et réflexivité. In: M. Werner; B. Zimmermann (eds.). **De la comparaison à l'histoire croisée**. Paris : Seuil, 2004, p. 15-52.

WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Beyond Comparison: Histoire Croisée and the challenge of reflexivity. **History and Theory**, 45, p. 30-50, february 2006.

WRIGHT, Donald R. **The World and a Very Small Place in Africa: A History of Globalization in Niumi, the Gambia**. New York: Routledge, 2018 [1997].